



ESCRITORAS NORDESTINAS DO SÉCULO XIX: RESGATE E HISTÓRIA

19th CENTURY NORTHEASTERN WOMEN WRITERS:
RESCUE AND HISTORY

Constância Lima Duarte¹

Resumo: Durante alguns anos, nas décadas de 1980 e 1990, um grupo de pesquisadoras – sob a coordenação de Zahidé Muzart – partilhou o sonho-projeto de resgatar a vida e obra de antigas escritoras e, assim, contribuir para o estabelecimento de uma tradição literária feminina em nosso país. O trabalho – que permitiu a descoberta de valiosos manuscritos, primeiras edições e de informações inéditas sobre a participação da mulher nas letras nacionais – encontra-se hoje publicado em três volumes pela Editora Mulheres, de Florianópolis. Pretendo, neste momento, lembrar algumas das escritoras nordestinas resgatadas na pesquisa, como Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis, Emília Freitas, Francisca Clotilde e Auta de Souza, entre outras, para refletir sobre a hegemonia do cânone e de como a sua desconstrução é um desafio permanente ao futuro dos estudos literários no Brasil.

Palavras-chave: Escritoras nordestinas; Resgate; Cânone literário.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/CNPq). E-mail: constanciaduarte@gmail.com.

Abstract: For a number of years, in the 1980s and 1990s, a group of researchers – under the coordination of Zahidé Muzart – shared the dream – project of rescuing the life and work of former women writers and thus contributing to the establishment of a women’s writing literary tradition in our country. The work – which allowed the discovery of valuable manuscripts, first editions and unpublished information on women’s participation in the national literary art – is now published in three volumes by Editora Mulheres, Florianópolis. I would like, at this moment, to recall some of the Northeastern female writers rescued in the aforementioned research, such as Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis, Emília Freitas, Francisca Clotilde and Auta de Souza, among others, to reflect on the hegemony of the canon and how its deconstruction is a permanent challenge to the future of literary studies in Brazil.

Keywords: Northeastern women’s writers; Rescue; Literary canon.

“É muito mais difícil destruir o impalpável do que o real.”

Virginia Woolf, *Um teto todo seu*.

Virginia Woolf (1929), ao visitar bibliotecas à procura de obras escritas por mulheres, atribuiu à misoginia o número quase insignificante desta produção. Naquele célebre ensaio, ela concluiu que para o talento feminino surgir era preciso que a mulher fosse minimamente independente e instruída, pois a exclusão cultural estava irremediavelmente associada à submissão e à dependência econômica.

Mais de um século depois, Diana Taylor (2013), em estudo sobre a memória cultural nas Américas, também contribuiu para o desafio de se rever os escritos de autoria feminina e reinterpretar os séculos de história literária. A partir dos conceitos de repertório, arquivo e performance, ela explica como a produção do conhecimento é sempre um esforço coletivo e político, com múltiplos resultados. Arquivo e repertório seriam, segundo Taylor, “fontes de informação memorialística” que “encenam tempos históricos” e permitem que se faça, no presente, debates importantes sobre o passado. (TAYLOR, 2013, 18-50).

Ambas as pensadoras estão corretas em suas conclusões. Apenas uma elite – dentre as mulheres da elite do século XIX e das primeiras décadas do XX – teve acesso à instrução. E mesmo as que gozavam de independência financeira enfrentaram toda sorte de obstáculos para publicar seus escritos e serem aceitas no mundo masculino das letras. Suas obras eram acolhidas com reserva por parte da crítica, daí tantos prefácios confessarem o sentimento de insegurança que as dominava, e a consciência de estar invadindo um espaço proibido. É inevitável, portanto, deduzir que o gesto de arquivar apenas parte do conhecimento, como ocorreu nos séculos passados com a literatura de

autoria feminina, implicou obrigatoriamente no apagamento de determinados saberes.

Curiosamente – ou não –, só a timidez das nossas mulheres, sua invisibilidade e inércia, ficaram registradas na história nacional. As outras – as exceções –, simplesmente foram alijadas da memória canônica do arquivo oficial. E seu repertório literário praticamente anarquivado, no sentido derridiano de fora do arquivo. E foi tão sistemático esse trabalho de alijamento que, quem se aventurasse buscar as que romperam o silêncio, precisou enfrentar a desordem, o vazio, o “arquivo do mal”, outra expressão de Derrida.

Foi o que um grupo de professoras e pesquisadoras de diferentes instituições de ensino do país enfrentou, no início dos anos 90, ao abraçar o projeto idealizado por Zahidé Lupinacci Muzart, da Universidade Federal de Santa Catarina, de resgatar escritoras brasileiras do passado. Como tive o privilégio de participar desse grupo, estas reflexões são também testemunho do processo. Em pouco tempo, surgiu uma autêntica rede de sororidade e de amizade entre suas integrantes, fortalecida pelo amor à pesquisa e o desejo de resgatar os nomes e as obras de escritoras que permaneciam no anonimato.

Era um tempo sem Internet, sem *Google*, sem *Watzap*. Nossos contatos se faziam por telefone, por fax, e pelo velho e lento correio... Como trocamos e como esperamos cartas e disquetes! Os acervos das escritoras – quando existiam – estavam dispersos em antigos acervos que era preciso visitar pessoalmente; e sua obra muitas vezes surgia fragmentada nas bibliotecas e em jornais carcomidos por traças e pelo descaso oficial. Se buscar a memória cultural num país sem esta tradição não é tarefa fácil, mais ainda quando se trata de recuperar registros da autoria feminina. Primeiro descobríamos um título, depois tinha início um autêntico trabalho de arqueologia, tão caro à crítica feminista, na busca por suas histórias de vida e suas obras.

(Um parêntese: hoje, em curtíssimo espaço de tempo muita coisa mudou, e fazer pesquisa ficou incrivelmente fácil e confortável. Basta acessar – da própria casa – os acervos das principais bibliotecas do país e do exterior, que vêm sendo digitalizados numa rapidez espantosa.)

As palavras de Sigrid Weigel ecoavam nesta pesquisa:

Um texto descoberto em um arquivo empoeirado não será bom e interessante só porque foi escrito por uma mulher. É bom e interessante porque nos permite chegar a novas conclusões sobre a tradição literária das mulheres; saber como elas enfrentaram, através da literatura, a sua situação atual, as expectativas vinculadas

ao seu papel como mulheres, seus temores, desejos e fantasias, e as estratégias que adotaram para expressar-se publicamente, apesar de seu confinamento no pessoal e no privado. (ECKER, 1986, trad. livre, p.71)

Mas, insisto, a realização de um projeto dessa magnitude só foi possível porque contou com a coordenação séria, firme, carinhosa, e acima de tudo competente da professora Zahidé Muzart. Ela foi não só a idealizadora do projeto, mas a responsável por aglutinar as colegas, distribuir, ajudar e cobrar tarefas. Em sua trajetória profissional, Zahidé foi capaz de juntar a teoria com a prática feminista. Se não temos livros, vamos fazer estes livros. Se não temos quem os publique, façamos uma editora. Vejam o que ela escreveu um dia:

Na verdade, o esquecimento de escritoras do século XIX é um esquecimento político. Pois não só porque mulheres escritoras são esquecidas; são esquecidas sobretudo as mais atuantes, as feministas, em uma palavra.

[...] as mulheres não tiveram guarida no nosso cânone literário por critérios outros, que passam por questões de gênero; portanto, um projeto de resgate é antes de tudo um projeto feminista, logo, político. (MUZART, 2004, 24-5)

É o resultado desta pesquisa que se encontra nos três conhecidos volumes intitulados *Escritoras brasileiras do Século XIX*, publicados pela Editora Mulheres, de Florianópolis, que perfazem mais de três mil páginas! Ao todo, foram cento e sessenta e uma escritoras brasileiras salvas do esquecimento, em muitos casos até nas próprias cidades.

Como na época eu residia em Natal, no Rio Grande do Norte, fiquei responsável por pesquisar algumas nordestinas, como as cearenses Emília Freitas (1855-1908), autora, dentre outros, do interessante romance *A rainha do ignoto*, de 1899, que conta a história de uma sociedade secreta de mulheres liderada por uma misteriosa rainha; por Alba Valdez (1874-1962), jornalista, ficcionista e memorialista, fundadora da Liga Feminista Cearense, em 1904, a primeira agremiação literária de mulheres no Estado; por Serafina Rosa Pontes (1850-1923), hoje nome de município, autora de poemas melancólicos que se encontram reunidos no *Livro da alma*, de 1894. Também de Ana Facó (1855-1922), que dirigiu o primeiro grupo escolar de Fortaleza, poetisa inspirada, dramaturga e autora dos romances *Rapto jocosos* e *Nuvens*; e Ana Nogueira Batista (1870-1964), poetisa e tradutora, colaboradora incansável em jornais e revistas do Ceará, Pará, Amazonas, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

Também pesquisei a versátil maranhense Mariana Luz (1879-1960), afrodescendente, professora responsável pela criação de escolas, participante ativa dos principais acontecimentos históricos, sociais e culturais do

Maranhão de seu tempo. Foi ainda dramaturga e poetisa, mas sua obra permaneceu dispersa em periódicos e só foi reunida, em parte, após seu falecimento ocorrido em 1960.

E a norte-rio-grandense Nísia Floresta (1810-1885), autora de 15 títulos, entre romances, poesia, crônicas e ensaios, escritos em português, francês e italiano e inglês, pois residiu parte de sua vida na Europa. Seu primeiro livro, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, deu a ela o título de pioneira do nosso feminismo. Segundo Nísia, os homens estavam tão acostumados a verem as mulheres recolhidas em sua ignorância, que não eram capazes de imaginá-las numa situação diferente. E denuncia assim o círculo vicioso que impossibilitava as mulheres de romperem a dependência: “Por que a ciência nos é inútil? Porque somos excluídas dos cargos públicos; e por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência.” (FLORESTA, 1989,p. 52). Simples assim.

E também outras norte-rio-grandenses, como Auta de Souza (1876-1901), que faleceu muito jovem e cujo único livro, *Horto*, ganhou prefácio elogioso de Olavo Bilac; Sinhazinha Wanderley (1876-1954), que além de fazer poemas e hinos, escreveu sobre o folclore e livros dedicados às crianças. Adelle de Oliveira (1884-1969) e Izabel Gondim (1839-1933), que nos legaram sensíveis obras poéticas; e ainda as poetisas Carolina (1891-1975) e Palmira Wanderley (1894-1978), responsáveis pela primeira revista feminina de Natal, *Via-Láctea*. Sobre Palmira Wanderley, autora dos poemas reunidos em *Esmeraldas* (1918) e *Roseira brava* (1929), Câmara Cascudo afirmou considerá-la a “primeira inteligência feminina no campo literário do estado”; e o conhecido crítico Tristão de Ataíde, que se tratava “do maior poeta feminino do Nordeste”! Era um elogio, naturalmente.

Saindo do eixo nordestino, escrevi sobre Cora Coralina (1889-1985), cujo marido – contam – a teria proibido de aceitar o convite de Monteiro Lobato para ir ao Teatro Municipal de São Paulo assistir aos festejos da Semana de Arte Moderna; e Anna Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça (1896-1971), que nasceu no Rio de Janeiro mas foi criada em Itabirito-MG. Feminista de primeira hora, fundou com Bertha Lutz e outras companheiras a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, no final da década de 1920, que muito lutou pela conquista do voto, o direito ao trabalho e ao ensino superior para as mulheres.

Além das 161 autoras, a pesquisa revelou o enorme preconceito que elas enfrentaram, o quanto foram ousadas e os artifícios inventados para driblar o

preconceito e enfrentar o público leitor. Maria Firmina dos Reis, por exemplo, assinou sua mais importante obra, o romance *Úrsula*, de 1859, como “Uma maranhense”. Nísia Floresta, não apenas inventou um pseudônimo que fez desaparecer o próprio nome de batismo, como assinou diversos livros apenas como N.F., ou N.F.B.A, ou ainda “Une brésilienne”, se publicava no estrangeiro. E a gaúcha Maria Benedita Bormann, autora dos romances *Aurélia* e *Celeste*, entre outros, tornou-se conhecida apenas pelo pseudônimo de Délia. (obs. Sua imagem continua sendo equivocadamente usada para representar Maria Firmina, inclusive no site oficial do Estado do Maranhão.)

Ao longo do processo de investigação, a descoberta de diários, cartas, testamentos e até de antigos jornais, tinha o poder de acrescentar novos informes, e atribuir novos significados aos textos deixados pelas escritoras. Cada documento – mesmo em péssimo estado – tinha o poder de iluminar um especial momento da história das mulheres, pois nos permitia compreender os limites impostos à sua educação, e sua exclusão do processo de criação cultural. Durante séculos trancadas em casa, vigiadas até por escravos e pelos filhos, as mulheres viveram sujeitas à autoridade e também à autoria masculina. Por isso foi tão longa e difícil a conquista de sua escrita.

Há de tudo nas páginas destas três antologias que estão hoje lamentavelmente esgotadas: desde escritoras que nunca foram mencionadas nas histórias literárias, apesar de terem deixado obras significativas, até outras que, mesmo recebendo uma calorosa recepção de ilustres leitores, como Machado de Assis e Olavo Bilac, também desapareceram excluídas pela historiografia e crítica de perspectiva masculina, que sistematicamente eliminou as mulheres do cenário letrado do país. As informações biobibliográficas, junto com excertos de suas produções literárias incluídas nas antologias, nos permitem afirmar que existiram sim, mulheres atuantes e produtivas em nosso país ao longo de todo século XIX e nas primeiras décadas do XX, cujas obras expressam com vivacidade suas emoções e visão de mundo.

E ao longo dos últimos vinte anos, a linha de pesquisa da Anpoll conhecida por “Resgate” logo se fortaleceu. De forma contagiante, mais professores e estudantes foram estimulados a produzir textos sobre as autoras que surgiam, e a questionar a história literária do país. Basta consultar o Banco de Teses da Capes para constatar o expressivo número de trabalhos acadêmicos sobre escritoras que ali se encontra, beneficiados com a publicação das antologias da Editora Mulheres. Nomes como Maria Firmina dos Reis, Nísia

Floresta, Júlia Lopes de Almeida e Carmen Dolores, para citar só algumas, são hoje por demais conhecidos.

Quando penso que vivenciamos a XVII edição do Seminário Nacional Mulher e Literatura, com tantas pesquisadoras e pesquisadores atraídos pela temática ‘mulher e literatura’, gosto de olhar para trás e constatar que aquele sonho deu certo. Se em 1985, ano do primeiro seminário, o estudo sobre autoria feminina e representação da mulher na literatura, nem era considerado objeto relevante de pesquisa nas universidades, hoje testemunhamos a consolidação da temática, não só através de cursos de graduação e de pós, constantemente oferecidos, e dos eventos que se realizam em todo o país, mas principalmente através de teses, dissertações, artigos, ensaios e livros, cada um esmiuçando e ampliando à sua maneira o enorme potencial implícito no binômio ‘mulher e literatura’.

Eventos como este, fóruns por excelência da reivindicação da visibilidade da mulher como produtora e sujeito de discursos e saberes culturais, vêm atender a uma demanda política de caráter feminista, que se impõe ao incentivar a produção de conhecimento, a revisão teórica, crítica e bibliográfica, e construir novos paradigmas para tornar esta linha de pesquisa cada vez mais produtiva e legitimada no meio acadêmico.

Hoje me ocorre que talvez aquele grupo de pesquisadoras dos anos 90 não tivesse ideia da extensão e dos desdobramentos que o trabalho que faziam poderia ter. Mas acho sinceramente que Zahidé, arguta como era, devia ter sim, plena consciência da necessidade e importância dessa pesquisa.

E se este trabalho permitiu que descortinásemos a tradição literária da mulher brasileira, disponibilizando aos leitores seus repertórios e arquivos literários, é chegada a hora de dar novos passos. Foi realizada uma parte da tarefa, mas falta ainda voltar os esforços para o fortalecimento de uma consciência crítica de perspectiva feminista que, aliás, está na origem mesmo desses estudos. E reescrever a história da literatura brasileira incluindo estas tantas escritoras.

Assim, os estudiosos e as estudiosas desta temática têm novos desafios a enfrentar. Uma vez consolidada e legitimada a investigação acadêmica nesta área do conhecimento, cabe aos jovens professores e pesquisadores promover a inserção de estudos de cunho feminista na práxis cotidiana dos cursos de Letras e, também, de fornecer um novo *corpus* teórico e metodológico para a crítica literária, em nível de pós e de graduação, como forma de realizarmos,

efetivamente, a revisão e reconstrução da história literária de nosso país.

Termino citando a epígrafe que escolhi para este texto, uma frase de Virginia Woolf, colhida em *Um teto todo seu*, que dá conta da dimensão do problema que ainda é necessário enfrentar. Vejam: “É muito mais difícil destruir o impalpável do que o real”. Virginia estava certa, pois não é nada fácil derrubar um senso comum tão cristalizado e hegemônico, até mesmo entre as mulheres.

REFERÊNCIAS

AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Prefácio, Notas e Estudo de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez Editora, 1989. DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ECKER, Gisela. (Editora). *Estética feminista*. Barcelona: Icaria Editorial, 1986.

MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.) *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.) *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Vol. II. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.) *Escritoras brasileiras do século XIX*. Antologia. Vol. III. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório*. Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

WEIGEL, Sigrid. La mirada bisca: sobre la historia de la escritura de las mujeres. In WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 22/04/2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 20/05/2018.